

## PRA DONDE QUE VOCÊ ME LEVA

Julião se apoderou da melodia às 10 horas da noite em pleno jazz. O tema é só pretexto porque o mágico Julião - transformou o saxofone e está transformando a gente. Tudo é ritmo binário como as pernas, os braços, os olhos, os dois corações de Julião. Então o ritmo e a melodia principia-ram deveras organizando um chulear de batuque e canto rotundo de cortar coração. No cume da voz está Gêge - filha de Ogum deitada se balançando; nas outras partes sonoras há outros deuses aqueitando uns aos outros. Nisso o canto esguincha do saxofone como um repuxo vermelho. Julião dobra o saxofone na pança confundindo-o com o esôfago, os olhos esbugalhados, a alma inocente subindo a Escada de Jacó para dentro de Deus. Julião treme recebendo intuições, amolegando entre uma nota e outra o feitiço pendurado no pescoço.

Pulam de dentro do escuro do saxofone mucamas lindíssimas para cada um dos fulanos, porém o poder da música é tão lavado e tão branco, é tão estrêla d'Alva que as ditas nem se atrevem a se amulherar com êles. Julião está reluzente que nem esfregado com óleo de andiroba, cada vez mais requebrado, mais impoluto e transparente, as teclas fechando as válvulas de seu corpo banzeiro, o canto se espraiando unânime, parece que tem carajurú na face, o funil do aparelho está espraiado como sua bôca branca, um estenderête só.

Ciscar no murundum!

Chupar caxundé!

Farrambambear por êsse mundo!

Mulatear pelas senzalas brancas!

Mocar com a ocáia dos outros!

Tudo isso eram gritos sinceros mas sem maldade porque tudo estava peneirado, sessado pela água emandigada da música.

Pra donde que você me leva, poesia-uma-só? Pra donde que você me leva, mãe d'água de uma só cacimba, Janaina de um só mar, Pedra-Pemba de um só altar?

Ora donde que você me leva.

Juliana se apoderou da melodia às ~~10~~ 10 horas da noite em pleno jazz. O tema é <sup>o</sup> pretexto porque Juliana o mágico Julião transformou o saxofone e está transformando a gente. Tudo é ritmo binário como os pés, os braços, os olhos, os dois corações de Juliana. Então o <sup>ritmo</sup> e a melodia principiam a <sup>dever</sup> organizar um ~~se~~ chulear de batucada e canto rotundo de certos corações. No cume da voz esta Gêze filha de Ogum detada se balanceando; e nos outros partes, conoras, ha outros deuses, apertando uns aos outros. Nisso o canto ~~af~~ esquerda do saxofone como um reflexo vermelho. Julião dobra o saxofone na panca ~~com~~ confundindo-o com o esôfago, o olho abugalhado, a alma inocente subindo a Escada de Jacó para dentro de Deus. Julião treme recebendo ontações amolegando entre uma nota e outra o bestão perdurado no pescoco. ...

Oulam de dentro do escuro do saxofone mucamas lindíssimas para cada um dos <sup>fulanos</sup> ~~circunstâncias~~ porém o poder da música é tão lavado e tão branco, é tão estrela d'alva que as ditas nem se atrevem a se amulherar com ~~os~~ eles. Juliana está reluzente ~~que~~ que nem esfregado com óleo de andiroba, cada vez mais, requetado, mais insolito e transparente, os teclas fechando as valvulas, de seu corpo banguero, o canto se espraiando unânime, parece que tem carapim na ~~face~~ <sup>face</sup>, o funil do aprelho está espraiado como sua boca branca, um estendeite só.

Ciscar no murundum!  
Chupar esxunde!  
Farrambambear por esse mundo!  
Mulatear pelas arizalas brancas!  
Mocar com o ocário do outro!

Tudo isso eram gritos sinceros, mas sem maldade com porque tudo estava peneirado, resado pela ~~música~~ água emandingada da música.

